

● POLÍTICA

Curral recebe PAN com frio

Onze graus, alguma chuva e pouca gente marcaram acção do partido

PAULA HENRIQUES
phenriques@dnoticias.pt

Frio, húmido e quase deserto, foi assim que o PAN - Pessoas Animais Natureza encontrou o Curral das Freiras ontem pela manhã. Abordaram as necessidades, as intenções, pediram o voto. O teleférico não veio à baila.

Benvinda estava encolhida numa cadeira em frente a um café fechado a tentar com pouco sucesso que a boca e as orelhas se aninhassem no casaco. Estavam 11 graus, a brisa dava a sensação de estar menos ainda. Ao contrário de nós, não esperava por Mónica Freitas.

“Não sei quem é”, respondeu, “Isto é tanto nome”, justifica-se. Meto conversa, fala-me da família, dos netos. “Não sei quem é essa Mónica Freitas, é mais daqui de cima”, tenta ajudar. Aponto para a mulher no cartaz. Digo-lhe que é a líder do PAN - Pessoas Animais Natureza. A resposta é célere. “Animais tenho bastantes, estão em jejum à espera para eu deitar comerzinho”.

Benvinda tem 75 anos. Olha para o relógio da Igreja. “E ainda falta meia hora para a camioneta”. Quando vê o presidente da Junta ao cimo da estrada, ganha tamanho. “Vou pedir para me arranjar a levada que vem pouca água, antes que ele saia do poder”, diz-nos em jeito de desculpa e rumo ao ritmo possível que o corpo lhe permite para ir ao encontro do autarca.

Pouco depois chega Mónica Freitas. A comitiva é pequena. São 12 pessoas que ali vão semear a mensagem de esperança. Mas mais do que a líder, são Vítor Gomes e Belina Sousa que fazem as honras da casa. Belina é do Curral e isso nota-se pela familiaridade. Vítor, que é bombeiro na corporação de Câmara de Lobos também ali vai com frequência. É o primeiro a avançar com a bolsa de brindes à cintura.

Na paragem tenta a sorte com as três mulheres ali paradas, uma delas é Benvinda Rosa, que entretanto desceu e espera ali pela camioneta. “Tem que olhar e ir à minha casa ver como está”, desafia Maria Jesus. “Está tudo abatido por causa do lume”, queixa-se, recordando os efeitos dos incêndios de Agosto. Conta que o presidente da Junta comprometeu-se. “Ele disse-nos que era depois dos votos”. “Mas se



A acção beneficiou da presença de dois elementos próximos da população local. FOTOS DR

não ganhar, a gente fica ali”. E pergunta directamente ao candidato: “Será que vão ajudar a gente agora?” Mónica Freitas chegou e é quem responde: “Agora e sempre”. “As pessoas aqui do Curral não podem dar maiorias”, sensibiliza Vítor Gomes. “Tem de começar a votar diferente”.

Às 11 horas o Curral está praticamente sem turistas, os cafés e lojas de souvenirs acusam a falta.

No Paladares do Curral a pausa é demorada. A dona conta que fechará o bar/restaurant no final do próximo mês. A saúde e o negócio estão mal, revela Ana Silva, antes de oferecer os cafés. “Trabalhava-se muito bem o cozido”. Conta que chegou a servir 69 num dia. À pergunta óbvia, a resposta mais certa: “As pessoas não têm dinheiro”, respondeu, admitindo que alguns possam ter morrido. E os turistas quando chegam “já está tudo encomendado”.

O café desapareceu das chávenas,



é hora da despedida. “Que ganhe o melhor”, faz votos Ana Silva.

Lá fora a chuva anunciada concretiza-se. Apenas o suficiente para complicar. Rumando acima, cruza-se com o ‘Sr. presidente’. Manuel Salustino enverga a farda de bombeiro. Mónica Freitas cumprimenta. “A gente cumprimenta toda a gente, não tem problemas”.

No Centro de Saúde a líder entra só. Deixa o manifesto e uma caneta “para semear a esperança”. “Tem de aparecer mais vezes ao longo do ano”, ouve de uma das funcionárias. “A gente tem vindo, mesmo sendo só

um”, respondeu. “E tem o Vítor que é bombeiro e que faz muitas visitas em serviço”, acrescentou, lembrando que Belinda é do Curral.

Na rua, um prédio novo para alojamento local desperta a curiosidade da líder, claramente descontente. “Em vez dos alojamentos locais, deveria de ser por exemplo a criação de habitação a preços acessíveis para que mais jovens possam vir para freguesia e se fixar aqui e mexer com a economia local”, defendeu depois no final da visita.

Mónica foi ao Curral insistir no transporte por chamada, no melhorar a rede de autocarros e na transformação da antiga escola numa unidade de protecção civil.

Sobre o teleférico, lembrou que o PAN foi quem mais esteve no terreno e que percebeu “que a população tinha interesse”. Frisou que negociaram para reduzir a pegada e responsabilizar a empresa socialmente, com postos de trabalho e uso gratuito para os locais. Recordou que na última legislatura, com o PSD sem maioria, nenhum dos outros partidos falou sobre o tema. “Isto demonstra que o PAN tinha razão, que infelizmente as coisas já estavam num estado avançado, seria uma grande responsabilidade e consequência suspender o projecto”. Mantém que há conflitos de interesse e que vai aguardar para ver o que o próximo governo irá fazer.

As declarações foram prestadas na última paragem, no bar ao cimo da ladeira. Foi o espaço com mais pessoas, menos que os visitantes. Distribuíram brindes, trocaram impressões. À saída, mais chuva e uma estrada sem mais nada. Estava cumprida a campanha no Curral.



VISTO DE FORA

Pela estabilidade política



BEATRIZ FERREIRA
JURISTA

ILHAS DEMASIADO PRECIOSAS PARA SE PERDEREM NO EGOÍSMO E OPORTUNISMO

É a primeira vez, desde o 25 de abril, que a Região Autónoma da Madeira se depara com um cenário de instabilidade política grave. Acredito piamente que o desenvolvimento económico e social da Madeira e do Porto Santo, ao longo destes anos, deve-se à implementação de políticas de centro-direita. Evidentemente que há sempre muito a fazer e a melhorar, mas na minha opinião, não haveria nem há outra alternativa se não essa.

No entanto, é importante salientar que a promoção dos interesses pessoais de alguns e a premiação contínua dos mesmos nunca será eticamente correto e muito menos desculpável, num governo democraticamente eleito. Tais favorecimentos só contribuem para um sistema fragilizado e para o legítimo descontentamento dos cidadãos, o que prejudica toda a região.

A Madeira e o Porto Santo são ilhas demasiado preciosas para se perderem no egoísmo e oportunismo de uns e no retrocesso e declínio de outros que seguem ideologias que não aquelas que nos trouxeram até aqui.

Creio que seja nestas duas vertentes que os eleitores madeirenses e porto-santenses se devem debruçar. Há que refletir sobre que partido político queremos que nos represente, mas acima de tudo, quem deveria estar à frente do mesmo.

Tenho esperança de que no próximo dia 23 de março o eleitorado se desloque às urnas e vote pelo bem da Região Autónoma da Madeira como um todo, tendo em vista a estabilidade política que tanto merece.